

**Recebido em: 07-07-2017 Aceito em: 24-07-2017**



### **FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO:**

técnicas, tecnologias e mediações

**Oswaldo Francisco de Almeida Júnior<sup>1</sup>**

A proposta que me proponho trazer para discussão refere-se à formação dos profissionais da informação, em especial a dos bibliotecários, a dos arquivistas e a dos museólogos, com ênfase nos bibliotecários.

Os três profissionais foram destacados do conjunto do que chamamos de Profissionais da Informação. Isso, claro, significa que há nesse conjunto um número maior de profissionais. Mas, essa é uma discussão polêmica, com vários entendimentos e que não vou abordar aqui. Apesar disso, é preciso que a questão seja debatida e não entendida como consolidada. Há alguns que entendem a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia como as profissões que integram os profissionais da informação. Outros, por seu lado, excluem a Museologia desse grupo. Seguindo por um caminho mais abrangente, defendo que sob a designação de profissionais da informação estão incluídos todos os que se interessam e trabalham com a informação, independentemente de sua formação básica. Vale lembrar que a Ciência da Informação abarca várias áreas e não apenas a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia – embora eu, particularmente, não abrace esse entendimento.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1999).



De qualquer forma, mantemos em questão a discussão sobre quais os profissionais que fazem parte do que chamamos Profissionais da Informação.

Para a discussão sobre a formação do profissional da informação, é importante apresentarmos um perfil dos cursos.

Temos, hoje, um total de 37 cursos presenciais de Biblioteconomia, 16 de Arquivologia e 14 de Museologia. Esses números refletem um momento, sendo dinâmicos em especial os cursos vinculados a IES privadas. Muitos cursos são abertos, mas, por falta de procura no vestibular, não abrem turmas. Esses cursos continuam ativos nos dados federais, embora sem funcionamento de fato.

O quadro abaixo apresenta os cursos de Biblioteconomia divididos por Estados

ESTADOS	ESCOLAS	ESTADOS	ESCOLAS
Rio Grande do Sul	FURG, UFRGS	Santa Catarina	UFSC, UDESC
Paraná	UEL	São Paulo	USP, UNIFAI, FESP, PUCCamp, UFSCar, UNESP, USP/RP, FAINC, FATEA
Rio de Janeiro	UNIRIO, UFRJ, UFF	Espírito Santo	UFES
Minas Gerais	UFMG, UNIFOR	Goiás	UFG
Distrito Federal	UNB	Mato Grosso do Sul	FUNLEC
Mato Grosso	UFMT	Rondônia	UNIR
Pará	UFPA	Amazonas	UFAM
Maranhão	UFMA	Piauí	UESPI
Ceará	UFC, UFCA	Rio Grande do Norte	UFRN
Paraíba	UFPB	Pernambuco	UFPE
Alagoas	UFAL	Sergipe	UFS
Bahia	UFBA	EaD	UCS, UNOCHAPECÓ, UAB

Em fundo verde escuro estão os Estados e com fundo verde claro, as IES que oferecem esse curso.

O último quadro refere-se aos cursos de Biblioteconomia na modalidade Educação a Distância. A eles devem ser acrescentados os cursos da Universidade Salgado Oliveiro (Universo) e o da Claretiano.



O curso de educação a distância da Universidade Aberta do Brasil (UAB) ainda está em construção, com previsão para início em 2018 ou 2019.

O quadro nos permite afirmar que a maioria dos cursos estão vinculados a Universidades Federais. Os Estados do Piauí e do Paraná possuem apenas cursos de Biblioteconomia em Universidades Estaduais.

Quanto aos cursos em IES particulares, estão eles localizados em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais (Fundação), Rio Grande do Sul (EaD), Santa Catarina (EaD) e Rio de Janeiro (EaD).

O único Estado que possui apenas IES particular é o Mato Grosso do Sul, com o curso da FUNLEC, em campo Grande.

São Paulo é o estado que possui cursos em universidades estaduais (UNESP, USP, USP/Ribeirão Preto), universidade federal (UFSCar), IES privadas (FAINC, FESP, UNIFAI, UNIFATEA), universidade confessional (PUC/Campinas) e um curso EaD (Claretiano).

Não possuem cursos os estados de Tocantins, Roraima, Acre, Amapá.

Especula-se a abertura de cursos no Acre, Roraima e Amapá, embora sem nenhuma ação concreta para isso.

Temos aproximadamente 6000 alunos graduandos, cursando de forma concomitante, excetuando-se os cursos de EaD, sobre os quais ainda temos poucos dados.

Em relação aos cursos de Arquivologia, a tabela abaixo elenca estados com seus respectivos cursos.



<b>ESTADOS</b>	<b>ESCOLAS</b>	<b>ESTADOS</b>	<b>ESCOLAS</b>
<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>UFSM, FURG, UFRGS</b>	<b>Santa Catarina</b>	<b>UFSC</b>
<b>Paraná</b>	<b>UEL</b>	<b>São Paulo</b>	<b>UNESP</b>
<b>Rio de Janeiro</b>	<b>UNIRIO, UFF</b>	<b>Espírito Santo</b>	<b>UFES</b>
<b>Minas Gerais</b>	<b>UFMG</b>	<b>Distrito Federal</b>	<b>UNB</b>
<b>Pará</b>	<b>UFPA</b>	<b>Amazonas</b>	<b>UFAM</b>
<b>Paraíba</b>	<b>UFPB, UEPB</b>	<b>Bahia</b>	<b>UFBA</b>

Em fundo verde escuro estão os Estados e com fundo verde claro, as IES que oferecem esse curso.

É fácil visualizar que o Estado que mais possui cursos na área de Arquivologia é o Rio Grande do Sul.

Vários Estados ainda não possuem cursos na área: Acre, Alagoas, Amapá, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins.

A maioria dos cursos teve seu início recente e a tendência de crescimento parece ter diminuído por conta dos problemas financeiros e sociais que atingem o país.

Em relação a Museologia temos, a exemplo dos cursos anteriores, um quadro que apresenta os Estados com seus respectivos cursos.



ESTADOS	ESCOLAS	ESTADOS	ESCOLAS
Rio Grande do Sul	UFRGS, UFPel	Santa Catarina	UFSC, UNIBAVE
Rio de Janeiro	UNIRIO	Minas Gerais	UFOP, UFMG
Distrito Federal	UNB	Goiás	UFG
Pará	UFPA	Bahia	UFBA, UFRB – Recôncavo
Pernambuco	UFPE	Sergipe	UFS

Em fundo verde escuro estão os Estados e com fundo verde claro, as IES que oferecem esse curso.

Quatro Estados possuem dois cursos cada, o que resulta em 10 Estados que abarcam os 14 cursos da área.

Os Estados que possuem cursos: Bahia, Brasília, Goiás, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Sergipe.

Em São Paulo, na USP, há um curso de Museologia ofertado apenas em pós-graduação stricto sensu.

Como ocorre com a Arquivologia, na Museologia boa parte dos cursos são também de início recente e a tendência de crescimento tende a diminuir ou estagnar considerando os problemas enfrentados pelo Brasil.

Parte dos cursos de Arquivologia e de Museologia nasceu em Universidades que já ofereciam formação em Biblioteconomia e também em um número significativo deles, passaram a ocupar o mesmo espaço.



Muitos defendem, inclusive eu, esse compartilhamento e uso de um espaço comum, incluindo a oferta de disciplinas para os três ou dois cursos. Há segmentos do currículo que suprem exigências das Diretrizes Curriculares de mais de um desses cursos, levando as Coordenações de Cursos a inserirem disciplinas que atendem aos interesses tanto da Arquivologia, como da Biblioteconomia e da Museologia. Assim, tais disciplinas são cursadas por alunos matriculados em qualquer uma das três áreas. Mais: essas disciplinas, na maioria das vezes, são de caráter obrigatório.

O quadro abaixo mostra a relação dos Estados, da IES e dos cursos oferecidos.

Estados	Biblioteconomia	Arquivologia	Museologia	Comuns (2 ou 3)
Rio Grande do Sul	FURG, UFRGS	UFSM, FURG, UFRGS	UFRGS, UFPel	UFRGS - 3 FURG - 2
Santa Catarina	UFSC, UDESC	UFSC	UFSC, UNIBAVE	UFSC - 3
Rio de Janeiro	UNIRIO, UFRJ, UFF	UFF, UNIRIO	UNIRIO	UNIRIO - 3 UFF - 2
Minas Gerais	UFMG, UNIFOR	UFMG	UFOP, UFMG	UFMG - 3
Bahia	UFBA	UFBA	UFBA, UFRB - Recôncavo	UFBA - 3
Distrito Federal	UNB	UNB	UNB	UNB - 3
Pará	UFPA	UFPA	UFPA	UFPA - 3
Paraná	UEL	UEL		UEL - 2
São Paulo	USP, UNIFAI, FESP, PUCCamp, UFSCar, UNESP, USP/RP, FAINC, FATEA	UNESP		UNESP - 2
Espírito Santo	UFES	UFES		UFES - 2
Paraíba	UFPB	UFPB e UEPB		UFPB - 2
Amazonas	UFAM	UFAM		UFAM - 2



<b>Goiás</b>	<b>UFG</b>		<b>UFG</b>	<b>UFG - 2</b>
<b>Pernambuco</b>	<b>UFPE</b>		<b>UFPE</b>	<b>UFPE - 2</b>
<b>Sergipe</b>	<b>UFS</b>		<b>UFS</b>	<b>UFS - 2</b>
<b>Alagoas</b>	<b>UFAL</b>			<b>UFAL - 1</b>
<b>Ceará</b>	<b>UFC, UFCA</b>			<b>UFC, UFCA - 1</b>
<b>Maranhão</b>	<b>UFMA</b>			<b>UFMA - 1</b>
<b>Mato Grosso do Sul</b>	<b>FUNLEC</b>			<b>FUNLEC - 1</b>
<b>Mato Grosso</b>	<b>UFMT</b>			<b>UFMT - 1</b>
<b>Piauí</b>	<b>UESPI</b>			<b>UESPI - 1</b>
<b>Rio Grande do Norte</b>	<b>UFRN</b>			<b>UFRN - 1</b>
<b>Rondônia</b>	<b>UNIR</b>			<b>UNIR - 1</b>

A ordenação da tabela privilegia os Estados que oferecem os três cursos na mesma Instituição.

Não há Estados que ofereçam apenas Arquivologia ou apenas Museologia. Oito Estados oferecem apenas o curso de Biblioteconomia.

Em 2 Estados existem IES que oferecem apenas o curso de Arquivologia: Rio Grande do Sul (UFSM) e Paraíba (UEPB).

Já em relação a IES que oferecem apenas o curso de Museologia, o número é maior: Rio Grande do Sul (UFPEL); Santa Catarina (UNIBAVE); Minas Gerais (UFOP); Bahia (UFRB – Recôncavo)

Alguns cursos, mesmo coexistindo no mesmo espaço, não possuem disciplinas comuns, embora outros possuem parte do currículo integrada.

Quanto ao tempo necessário para a formação dos profissionais dessas áreas, acompanhando as Diretrizes Curriculares, há IES que exige 3, outras 4 e uma delas 5 anos (USP – curso noturno).

Os cursos são ofertados no período matutino, vespertino, noturno ou, no caso UNESP de Marília, no período diurno, com atividades nos períodos matutino e vespertino.



Cabe lembrar que é oferecida, hoje, a formação em Gestão da Informação e em Ciência da Informação. A primeira, Gestão da Informação, teve seu início no final da década dos anos de 1990, na UFPR, Curitiba. Além dela, outras 3 IES, todas Federais, disponibilizam essa formação: UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, UFG – Universidade Federal de Goiás e UFU – Universidade Federal de Uberlândia.

O curso de Ciência da Informação é recente e ofertado apenas pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis. A PUC de Belo Horizonte ofereceu um curso com essa designação há algum tempo, mas teve suas atividades encerradas.

Há hoje uma mudança muito grande no perfil dos docentes dos cursos da área. Anteriormente, exigia-se a formação básica (graduação) na área do curso. Hoje essa exigência, em boa parte das vezes, deixou de existir. Em algumas universidades exigências desse tipo não podem ser consideradas (exemplo: as estaduais paulistas).

Essa diversidade é boa e ruim. Boa, porque permite o diálogo entre vários segmentos que englobam a interdisciplinaridade da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Ruim, porque muitos professores com formação em áreas afins não se integram nem assumem a área do curso como, de fato, sua área.

Sobre a titulação dos formados: o título é específico para cada profissão. As áreas da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia são regulamentadas e os profissionais que atuam nelas precisam de uma formação específica.

## MERCADO DE TRABALHO

O mercado dos três segmentos acompanha o mercado mais geral em situação normal ou quando nos momentos de crise econômica como a que vivemos hoje.

Dentro do mercado há nichos diferenciados. Na Biblioteconomia, por exemplo, os profissionais que atuam em bibliotecas escolares recebem um baixo salário, pois acompanham o salário da categoria majoritária dos espaços onde estão inseridas essas bibliotecas. No caso, as bibliotecas estão inseridas na escola e a categoria majoritária é a dos professores. Como estes possuem um baixo salário, os trabalhos de todas as outras categorias que atuam nas escolas terão um salário compatível com o deles.





As universidades federais pagam o mesmo salário para os profissionais arquivistas, bibliotecários e museólogos. Isso também ocorre em alguns outros órgãos públicos.

Qualquer curso, quando estruturado, tem como seu primeiro passo a determinação do perfil do profissional que deseja formar. Após isso, deve determinar competências, atitudes, etc. Por último, a matriz curricular.

O que isso implica?

Em várias coisas, entre elas:

- Não há uma única formação que seja válida para todos os cursos e todos os estados do Brasil.

Vivemos uma época em que existia o currículo mínimo. Os cursos sentiam-se “engessados” por conta disso. O currículo mínimo determinava disciplinas que os cursos deveriam ministrar. Hoje, ao contrário do currículo mínimo, temos Diretrizes Curriculares. Ainda se determina um núcleo mínimo, mas é ele mais amplo, permitindo a interferência dos cursos sobre o conteúdo a ser ministrado, adequando-os ao perfil do profissional que se pretende formar e as características da região em que o curso está inserido.

Isso não significa que não haja relações, aproximações, cooperações, alinhamentos, etc. Eles existem e os encontros do Mercosul para formação do profissional são um dos exemplos disso.

É preciso pensar a área de formação. Os profissionais serão formados para atuar com o quê? Afinal, o que é Arquivologia, o que é Biblioteconomia, o que é Museologia, o que é Ciência da Informação?

Por exemplo: como entendemos a Ciência da Informação? A partir de Vannevar Busch ou a partir de Paul Otlet ou sob outra ótica? Isso irá implicar no perfil do profissional que iremos formar.

Os segmentos do conhecimento humano são dinâmicos. Não têm concepções consolidadas, sedimentadas. São elas passíveis de mudanças. Devem ser questionadas.

Qual é o núcleo duro da área? A organização do conhecimento? E a disseminação da informação? E as atividades culturais? E a oralidade? E as informações efêmeras?

Será que nosso interesse deve ser apenas voltado para as informações científicas e tecnológicas, sempre com o uso das tecnologias?



Há uma indefinição sobre o que, de fato, trabalhamos. Será a leitura ou a informação? Será o livro, o texto escrito ou os vários segmentos da multimídia?

A formação deve considerar o uso de todos os segmentos da multimídia e não apenas o texto escrito. Como a sala de aula está lidando com isso? Não podemos nos esquecer que o profissional irá trabalhar com todos os tipos de mídia – e isso faz parte do entendimento que temos da Ciência da Informação.

Somos alfabetizados apenas na leitura do texto escrito, mas não nos outros segmentos da multimídia, como a imagem fixa, a imagem em movimento e o som. Os cursos de Biblioteconomia, de Arquivologia e de Museologia devem amenizar a falta de alfabetização em todos os segmentos apontados, uma vez que todos eles atuam com a informação, base, claro, da Ciência da Informação.

O aprendizado da graduação, no caso específico da Biblioteconomia, não pode estar voltado apenas para as tecnologias, pois, em assim sendo, excluirá a reflexão e o pensar sobre o fazer da maioria das bibliotecas brasileiras. Muitas destas, não possuem conexão com a internet – algumas nem mesmo computador. Ainda são empregadas fichas catalográficas e as regras para catalogação e classificação seguem o antigo livro da Heloisa de Almeida Prado. Bibliotecários formados praticamente inexistem nessas bibliotecas.

Formar não pode ser entendida apenas com a oferta de recursos técnicos que viabilizem um fazer profissional. Formar deve ter seu foco na pessoa, no cidadão, no ser ético

Outro ponto que precisa ser considerado é que a formação deve pensar o contexto. Ela não é isolada ou excluída do contexto. A universidade tende a se isolar, a viver em seu próprio mundo e dentro de seus muros. A academia, infelizmente, parece existir exclusivamente para atender demandas internas. Toda sua produção científica tem como endereço os próprios pares, os pesquisadores da área. Os artigos em revistas especializadas, em boa parte dos casos, suprem exigências burocráticas de órgãos de controle e supervisão da educação superior do Brasil e não se preocupam com a demanda das ações desenvolvidas pelos que atuam no mercado.

O mercado, por sua vez, é um dos itens a serem considerados quando da estrutura de um curso de graduação. Mas, não é ele o principal item. Precisamos pensar em atender interesses sociais, e o mercado está inserido nesse aspecto. Mas, é preciso pensar o sujeito (incluído o sujeito informacional). Precisamos pensar a área, entender seu futuro, as expectativas sobre seu



destino e repassar nossos estudos, reflexões e pesquisas para os que atuam nos equipamentos informacionais.

Outro ponto que não deve ser descuidado: a integração entre teoria e prática. Cuidado para que não se confunda prática com treinamento. A universidade não é o espaço do treinamento.

Muitos querem itens específicos nas matrizes curriculares. É impossível incluir todos. Acho que esse desejo está vinculado à dificuldade em criar limites dos fazeres dos profissionais da informação. Qual é, de fato, nossos espaços? O que temos de diferente, qual o segmento que é exclusivo de nossas ações, qual o nosso objeto? A interdisciplinaridade tende a incluir em nossos interesses uma gama de itens que são importantes em nossas pesquisas, mas não fazem parte da formação do profissional.

Ministrando a disciplina Fundamentos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação em cursos de graduação em Biblioteconomia, era comum ouvir dos alunos do primeiro semestre, no início das aulas, a pergunta: O que faz o bibliotecário? A resposta que oferecia, mesmo que não entendida em seu todo, mas reapresentada no final do semestre, era a seguinte:

O bibliotecário é o profissional que medeia a necessidade informacional (interesses, desejos) e as informações que a satisfazem (sempre parcial e momentaneamente).

Dentro disso, há uma gama de ações, como a seleção e armazenamento de documentos ou suportes informacionais, a organização dessa informação, os estudos de usuários (buscando se aproximar do entendimento de quais são os interesses, desejos e necessidades informacionais), os serviços oferecidos. Todas elas importantes e necessárias para a apropriação da informação, fim último do fazer profissional.

**Oswaldo Francisco de Almeida Júnior** – Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina (UEL); Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP/Marília; Professor colaborador do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Mantenedor do site Infohome ([www.ofaj.com.br](http://www.ofaj.com.br)).

